

SENTO-SÉ E A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO SOBRADINHO: A MEMÓRIA DE UM POVO E PODER DE UMA FAMÍLIA

Ana Catarina Sento-Sé Martinelli Braga¹

Resumo: *Este artigo tem como objetivo refletir sobre as questões de memória e de identidade cultural, referentes a população ribeirinha da barragem do Sobradinho, na década de 70. A construção desta barragem culminou com a inundação de quatro cidades do sertão nordestino. Dentre estas, estava Sento-Sé, ou, “terra dos carnaubais”, com aproximadamente 7.000 habitantes. A população da cidade foi expulsa de suas casas e todo o seu patrimônio material e cultural foi perdido. Gerando uma perda significativa para a memória daquele município. Através de fotos, documentos e depoimentos orais, pôde-se resgatar a história de deste povo, produzindo-se um releitura da mesma.*

Palavras-chave: Sento-Sé; Barragem do Sobradinho; Identidade, memória e poder.

INTRODUÇÃO

Este artigo acadêmico possui como tema os impactos que a construção da Barragem do Sobradinho na década de 70, ano de 1977, trouxeram as referências de memória e identidade dos habitantes de uma das quatro cidades afetadas por este acontecimento, a cidade de Sento-Sé. Além desta, Remanso, Casa Nova e Pilão Arcado (dentre outros povoados) também foram inundadas. A CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) ao anunciar o projeto dirigiu-se a cidade de Sento-Sé onde, em uma audiência com o prefeito da época, senhor Demóstenes Sento-Sé, descreveu seu empreendimento e anunciou as indenizações às famílias, na palavra de que seria construída uma nova cidade para abrigá-las.

A nova sede, denominada Nova Sento-Sé, foi construída. E o objeto de estudo principal foi buscado: As pessoas que viveram na época da inundação e seus depoimentos orais. Isto, no desejo de se resgatar não só a memória da população e os traços de sua identidade, como também a história da família Sento-Sé que se entrelaça com a de todo o município.

Desta forma, o artigo aqui apresentado é o ponto de partida de um longo estudo que culminará no trabalho monográfico, de conclusão de curso, da autora em destaque. Dentre todos esses objetivos e anseios já apresentados, este, ainda compromete-se com a interação entre antropologia e história, e os diversos domínios e dimensões historiográficas: História Oral, História Cultural e História das Mentalidades.

A metodologia consiste na sistematização de dados documentais e elaboração de fichamentos sobre os mesmo, bem como, na transcrição dos depoimentos orais relativamente coletados, e das fontes iconográficas analisadas e catalogadas. Além dessa organização

¹ Autora, graduanda em História Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Católica do Salvador. E mail: snowoman_7@hotmail.com. Orientador: Prof. Dr. Charles D’ Almeida Santana- E mail: charlesdalmeida@ucsal.br.

metodológica, procura-se utilizar abordagens que garantam a maior compreensão dos atalhos da memória, das palavras não ditas, dos fluxos de esquecimento e das diversas identidades que se entrelaçam entre todas as fontes primárias.

As análises embasadas nestas fontes e metodologia, são frutos de discussões entre a autora e seu orientador, fundamentada em seus arcabouços teóricos. Outras fontes secundárias são utilizadas para compreender os mecanismos do trabalho e para que se possa chegar no objetivo esperado: O resgate da memória de um povo em uma cidade conhecida como “Cidade fim de linha”, dentro de uma história que se repete sempre, seja com a transposição do Rio São Francisco, que afetar a milhares de populações ribeirinhas ou com a inundação de qualquer outra cidade nordestina.

1977, O ANO EM QUE TUDO COMEÇOU

“Naquela época eu possuía entre 7 e 8 anos... Meu avô era prefeito da cidade de Sento-Sé e neste período existiam 8 cidades no país chamadas municípios de Segurança Nacional, que era, o prefeito indicado pelo governador. Sento-Sé era um desses municípios de Segurança Nacional.”²

A história deste acontecimento, bem como de toda a Sento-Sé, desde a década de 40, entrelaça-se com a de uma família, que originou-se neste local. A família Sento-Sé já possuía o nome forte, e de governança, a mais de três gerações. A senhora Vera Rita Sento-Sé representa, dentre essas, a sexta geração de uma família histórica, que até os dias atuais é lembrada em festas e homenagens.

Neste dia em que entrevistei a Senhora Vera Rita estávamos em sua casa no bairro da Pituba, na cidade do Salvador, estado da Bahia. A entrevistada mostrava-se bastante confortável e saudosa ao relembrar aqueles momentos do seu passado. Por diversas vezes, revelou a tristeza da população ao ver suas casas inundadas, pela ocasião da construção de uma barragem, no mesmo ano em que seu avô foi empossado prefeito.

A relação desse sujeito histórico com o lugar em que ia em sua infância demonstra a relação estreita e devastadora que a inundação causou em suas recorrências de memória. Sentia-se uma tensão no momento em esta disse:

“(...) E, em um determinado ano, nós fomos, a cidade estava muito triste quase ninguém estava mais lá... Porque tava todo mundo já se mudando para a cidade nova, Sento-Sé nova. E depois da inundação, eu me lembro, nós fomos dar um passeio de barco pela cidade inundada pelo São Francisco, pela barragem do Sobradinho”³

Esta fala é uma evidência histórica de como a construção da barragem afetou a mentalidade, não só da entrevistada, mas, de todos aqueles que viveram o momento histórico relatado. Assim, os mecanismos da memória revelam a necessidade de preservação do local de

² Depoimento concedido pela Senhora Vera-Rita Lins de A. Sento-Sé em 12 de Junho de 2008, às 14h e 36 min.

³ Idem

origem do sujeito histórico.

Relação sujeito histórico e memória:

A casa, o lar, de cada um é um lugar por excelência da memória. E de uma memória essencialmente emocional. E viver essa memória em família significa retratar o lugar em que essa família viveu. Assim, apesar da família Sento-Sé representar o poder político na cidade, seus membros não deixaram de viver a dor daqueles que perderam suas casas, inclusive a sua própria saudade daquele lugarejo. Muitos membros que moravam em Sento-Sé deixaram seu patrimônio para trás e escreveram palavras de saudade nas paredes de suas casas:

“(…) E chamou minha atenção as casas com água pela metade ou acima da metade, e nelas, quase em todas, as que ainda estavam de pé, possuíam lembretes e frases saudosas: “Sento-Sé amada fui muito feliz aqui” ou “Adeus minha cidade querida”.⁴

“(…) A minha irmã Maria América Sento-Sé deixou nas paredes de sua casa frases e poemas que queriam dizer a sua saudade que ela ia sentir do seu antigo lar.”⁵

Nestes dois depoimentos percebe-se a relação pessoal da família com a história que norteia a inundação de Sento-Sé. Sendo assim, após a inundação, muitos mitos e histórias foram passados dentro da família sobre este episódio. Em todos eles, entretanto, o senhor Demóstenes, prefeito da cidade no ano da inundação e membro da família Sento-Sé, era visto como um visionário, um líder que guiou a sua população para uma vida melhor.

Esta família acredita que, mesmo sacrificando suas casas, o que subentende-se sua memória, e lares, isto deveria ser feito em detrimento do que o seu líder político considerava como certo para a melhoria de “todos”. Não há nesses dois depoimentos um sentimento de posse ou do poder de um clã sobre a cidade e sim, um mito familiar tornado verdade dentro da memória. Isto pode ser constatado por Alistar Thompson quando este diz que:

“(…) Os mitos de minha família sobre a guerra também mostram como apenas algumas experiências são enfocadas na lembrança, enquanto outras são reprimidas ou silenciadas, e como algumas recordações “pessoais” alcançam significado “coletivo”, tanto dentro da família como fora dela.(…)”⁶

Se por um lado pode haver interesses para que a barragem fosse construída, trazendo mais poder, através do que seus representantes chamam de “progresso”, por outro lado, nesta cidade sente-se uma participação do poder como parte do privado e do intrincado pessoal de cada cidadão. É importante salientar aí como os alcances da memória possuem papel fundamental no

⁴ Idem

⁵ Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

⁶ THOMPSON, Alistair. *Quando a memória é um campo de batalha: Envolvimentos pessoais e políticos com o passado do exército nacional*. Projeto de História, São Paulo, 1998.

que está silenciado e no que pode tornar-se verdade neste contexto. Isto dentro da mentalidade daqueles que constroem essa memória.

AS REPRESENTAÇÕES DO PODER

As representações do poder assim, soam como parte da memória e da cultura da população. Mesmo sendo uma forma de dominação, esta forma de participar dos momentos íntimos da cidade, que o prefeito possuía, revela um clientelismo na vida dos cidadãos. Muitos fatos pessoais eram resolvidos por este prefeito, que adentrava nas casas chamados pelos seus ocupantes. E, resolvia problemas pessoais:

“(…) Era um político a moda antiga. Não era a relação de eleitor e de prefeito, como hoje, baseado no capitalismo. Era uma confiança, uma amizade. Tipo assim, casal brigava, meu avô é que ia fazer, reconciliar o casal. Menino caía quebrava a perna, meu avô, o prefeito, que ia mandar comprar o remédio. Acabava a verba da prefeitura meu avô colocava do dinheiro dele.(…)”⁷

Pode-se perceber dessa forma, a relação estreita entre o poder e a população. Uma intimidade que adentrava a própria casa do prefeito e suas relações familiares. Este tipo de “líder” era visto como monumento histórico da memória coletiva. Um mito que perdura mesmo após a sua morte ou perda do cargo público.

Demóstenes Sento-Sé foi prefeito da cidade, incluindo antes, durante e depois da construção da barragem. Antes dele, a família Sento-Sé já governava, foram três coronéis⁵: Juca Sento-Sé, Tonhá Sento-Sé e Janjão Sento-Sé, chegando, finalmente, a Demóstenes, não mais como coronel, oficialmente, e sim, como prefeito nomeado.

A família Sento-Sé apresenta um poderio. O próprio sobrenome, possui origem na história da formação da mesma⁸. Este nome surgiu de uma homenagem feita a uma comunidade indígena que ocupava a região.

Após a posse da família Garcia D’ Ávila, estes fundaram a cidade e homenagearam o chefe daquela comunidade, cujo nome era Centossé. Assim, surgia uma cidade com mais de quatrocentos anos de história. Posteriormente a família que descendeu desses índios e dos portugueses recebeu o sobrenome de Sento-Sé. E seu legado é honrado pelos moradores até a atualidade.

O olhar das autoridades diante do patrimônio, como pode-se perceber, não fica restrito as relações de poder e soberania. Mesmo que haja uma tradição histórica de que os políticos em geral não se importavam com o valor da memória, ou daquilo que foi construído pelas pessoas, não é o que se pode perceber neste município.

⁷ Depoimento concedido pela Senhora Vera-Rita Lins de A. Sento-Sé em 12 de Junho de 2008, às 14h e 36 min.

⁸ A cidade de Sento-Sé velha localizava-se, inicialmente, onde era uma comunidade indígena cujo nome do líder era Centosse. A família Garcia D’ Avilla, no período de colonização do Brasil, recebeu aquelas terras de Portugal por doação de sesmarias. Em uma batalha indígena Antonio Garcia D’ Ávila socorreu o chefe da comunidade e ficaram amigos a partir de então. Como forma de homenagem ao índio a cidade passou a se chamar Sento-Sé.

Aqueles que alguns considerariam como os “donos da terra”, “responsáveis” pela inundação de toda uma região, são vistos pela memória coletiva, e por eles mesmos, como parte do que sofreram em busca de algo maior, ou melhor. Isto, porque a população acredita, pelo menos boa parte dela, que alguém que se envolve tão intimamente com suas vidas não poderia exercer qualquer abuso de poder ou ato que venha trazer prejuízo para a cidade.

INUNDAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE DE UMA POPULAÇÃO

A construção de tal barragem, projetada pela CHESF em 1973⁹, concessionária da Empresa Brasileira de Energia (ELETROBRÁS) no Nordeste, resultaria na Hidrelétrica do Sobradinho, que inundou além de Sento-Sé, mais três cidades do sertão nordestino. Por nove anos o município passou a ser área de segurança Nacional, tendo como prefeito empossado, governo Roberto Santos, Demóstenes Sento-Sé. A posse ocorreu em 13 de Maio de 1977, ato que ficou registrado como data do aniversário da cidade.

Antes da inundação destas cidades, as mesmas eram cortadas pelo Lago do Sobradinho, afluente do rio São Francisco. Desde a década de 70, entretanto, a CHESF vinha desenvolvendo uma política agressiva para transformar o “Velho Chico” em gerador de energia hidroelétrica. Para tal, construía barragens, transformando lagos em rios artificiais, deslocando e modificando a paisagem do sertão e ainda causando grande desequilíbrio ecológico e erosões no solo.

A construção da Barragem do Sobradinho resultou na desocupação de uma área com cerca de 4,2 mil km². Este processo de desocupação atingiu um total de cerca de 12.000 famílias, das quais, 73% fixadas na zona rural e 27% na zona urbana das cidades¹⁰. E a CHESF, embora tenha construído uma nova cidade para os habitantes, não pode recuperar as características da cidade antiga, bem como o real sentimento do povo, enterrado nas águas do rio.

Foram deixados para trás, sonhos, esperanças, vidas e desejos, elementos que fizeram e fazem parte da memória de uma população, que vivia de sua economia local, sofrida e apegada a terra. Tanto que, muitos resistiram a efetivação do projeto. Um deles foi um homem, na época com 92 anos, o senhor José Nunes ou como era chamado, “Seu Zé”. Ele disse a habitantes da cidade¹¹ que não iria deixar sua casa para trás, uma casa que levou anos para ser construída e que fez parte de tudo aquilo que ele considerava como seu patrimônio e identidade de vida.

Assim como seu Zé, muitos outros traziam consigo o peso da tradição de viver naquele local. As autoridades, estaduais e da empresa hidroelétrica, entretanto, não se sensibilizaram com esses e acabaram por destruir, não só patrimônios pessoais, e sim 400 anos de história. Sendo que, nem o monumento de fundação da cidade foi poupado.

“O Rio engoliu tudo, vi minha vida sendo deixada para trás, e meus bens sendo levados de caminhão para um lugar que mesmo que passem anos nunca será o

⁹ In: BARROS, Henrique. *Avaliação dos impactos sócio-econômicos da implantação do projeto Sobradinho*. Recife: FUNDAJ/ IPS/Departamento de Economia, 1983.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

meu verdadeiro lar. Depois disso, minha filha, só Deus pode nos salvar”.¹²

Assim resumiu a antiga habitante Hildene Sento-Sé, representando o real sentimento daquilo que a natureza transformou em seu habitat natural.

Atualmente, a cidade de Sento-Sé possui mais de 35.000 habitantes; foi relocada em 1977, mas nunca esqueceu as marcas que a inundação deixou. Além do que, fica provada hoje, o quão estreita são as relações de poder e memória que norteiam e são capazes de reconstruir e desconstruir as concepções dos sujeitos da história.

O ESQUECIMENTO E A MEMÓRIA FIOS CONDUTORES DA HISTÓRIA DESSE LUGAR:

A partir dos documentos pesquisados, dos depoimentos dos habitantes e antigos moradores da cidade de Sento-Sé, pôde-se perceber que a abordagem de um conceito de memória pré-moldado de nada serve.

A população local, através daquilo que considera como sua memória e identidade é que constrói o significado desta memória. Uma memória povoada não só por emoções e lembranças, mas também por momentos de esquecimento.

Jerusa Pires Ferreira, historiadora dos conceitos de memória e tradições populares, considera que não só a memória mais também o esquecimento estão presentes na história das pessoas. Nesta cidade, principalmente nos depoimentos coletados, os vestígios do esquecimento se fazem recorrentes.

Eles estão no momento de pausa da senhora Vera Rita, nas palavras que a Senhora Vera Sônia não permitiu que fossem gravadas, e nos momentos em que Hildene muda de assunto, ou retruca que a pergunta feita não “representa algo de importante a ser lembrado”.

A tradição é feita de esquecimento e memória, e, se a história possui bases nestes dois elementos, a tradição também é parte importante para a construção, e rearrumação dos caminhos da história. E para se compreender o fio condutor de toda narrativa oral é necessário a interpretação do esquecimento, elemento essencial do que foi lembrado e transformado pelo depoente em história.

Nesta cidade ainda há muitos esquecimentos, e muitas memórias a serem resgatadas. A cidade de Sento-Sé é contada pela sua sociedade, que sofre pressões, influências sociais e culturais capazes de pincelar sua memória e representação histórica.

Como Jerusa Pires afirma :

“(…) A dupla esquecimento e memória, portanto, é apenas uma aparente oposição. Numa grande medida, estas oposições são instrumentos conjuntos e indispensáveis em projetos narrativos que dão conta de eixos do conflito. Há

¹² Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

também o caso de, no corpo da própria narratividade, formarem-se núcleos em que lembrar é um fluxo, um processo, uma razão de ser e o ato de esquecer se faz o pivô daquilo que se desenvolverá, detonando uma série de transformações ou a transformação.(...)”¹³

Assim, o passado faz parte do presente de cada um, enquanto produtor de sua própria história. E a memória do município de Sento-Sé é produzida, concebida e preservada pelos seus próprios habitantes e seus imaginários ideológicos. Bem como os elementos que estes reproduzem em seus depoimentos e lembranças do passado. Vivo em suas vidas no momento presente.

A construção da Barragem do Sobradinho aguçou nos moradores a necessidade de preservação de toda uma memória perdida na inundação. Este discurso se faz presente no depoimento da habitante Hildene Sento-Sé quando disse:

“A gente se apega àquilo que é nosso, porque de alguma forma faz parte da construção de uma vida, que queira ou não, naquele momento, estava sendo deixada para trás. Mas que para sempre vive na minha memória...”¹⁴

CONCLUSÃO

Este trabalho ainda encontra-se em desenvolvimento, com a pretensão de tornar-se tese de conclusão de graduação da autora. Os objetivos, resgate da história destes habitantes, de sua memória, dos mecanismos para a inserção da barragem, do poder da família Sento-Sé e de sua influência decisiva na historicidade deste local e, na maneira de pensar dos sentosenses, entrelaçam-se com a memória da população, tendo como base suas próprias vidas e experiências armazenadas em relatos orais.

Sobre a história oficial deste município já se sabe muito, entretanto sobre a história das vidas dos seus habitantes ainda há muito a descobrir. E, se a cidade não passa de muros e concreto sem a vida das pessoas que a habitam, como a história desta passaria, ou aconteceria, sem ela? Algo improvável.

A história existe, é contada e recontada, de acordo com a vida de seus habitantes, de suas histórias individuais e da inserção de cada vida, com sua memória e esquecimentos, na formação coletiva de Sento-Sé. Há, neste artigo, a necessidade de perceber como a memória individual é parte da coletiva, e como estas duas são as bases da identidade e da formação, em todos os âmbitos, cultural, social, econômica, etc., para este ambiente urbano.

O artigo é de extrema importância para compreensão do que é a história de Sento-Sé. Os objetivos aqui propostos estão em andamento, bem como os seus desdobramentos ainda estão sendo desenvolvidos. Como se propôs, as necessidades de se desenvolver e conhecer Sento-Sé, através da oralidade é essencial e, entrelaça-se com os fluxos e meandros de conhecimento da

¹³ In: FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória (conto e poesia popular)*. Salvador-BA. Casa de Jorge Amado, 1991.

¹⁴ Depoimento concedido pela Senhora Hildene Sento-Sé, no dia 25 de novembro de 2007.

memória assim como dos ramos da história que a estudam.

REFERÊNCIAS

BARROS, Henrique. *Avaliação dos impactos sócio-econômicos da implantação do projeto Sobradinho*. Recife: FUNDAJ/ IPS/Departamento de Economia, 1983.

BOMFIM, Juarez D. *Movimentos sociais de trabalhadores do Rio São Francisco*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona, Nº. 45 (30). Barcelona: Espanha, Agosto-1999.

CERTAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. PETRÓPOLIS-RJ. Martins Fontes, 1991.

FERNANDES, Ana. (org). *Cidade e História*.

FERRARA Lucrecia D'Allessio. *As Máscaras da Cidade*. São Paulo-USP.

FERREIRA. Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória (conto e poesia popular)*. Salvador-BA. Casa de Jorge Amado, 1991.

LANNA, Ana Lucia. *Uma Cidade em transição: Santos: 1870-1913*. Santos-SP.HUCITEC,1996.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto de História, São Paulo, Fevereiro de 1997.

SILVA, Bárbara-Cristine Nentwing. *Cidade e região no Estado da Bahia*. Salvador, BA, EDUFBA, 1991.

SIQUEIRA, Ruben. *O que as águas não cobriram*. João Pessoa: Mestrado em Ciências Sociais/UFPB, Dissertação de Mestrado, 1992.

SOJA, Edward. *Geografias Pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Zahar. Rio de Janeiro.

THOMPSON, Alistair. *Quando a memória é um campo de batalha: Envolvimentos pessoais e políticos com o passado do exército nacional*. Projeto de História, São Paulo, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e cidade*. São Paulo, SP. Companhia das Letras,1989.

Arquivo pessoal Família Sento-Sé. Sento –Sé- BA. 1974 – 1979.

Diário e Anotações pessoais do Sr. Demóstenes Sento-Sé. Salvador-BA. 1974- 1979.

Fontes iconográficas: Os Narradores de Javé; Fotos do Arquivo Pessoal da Senhora Vera Sônia Lins D' Albuquerque Sento-Sé. Salvador - BA. 1974 – 1979.

Fontes Oraís (Depoimentos): Senhora Vera Sônia Sento-Sé no dia 22 de novembro de 2007 às



15h; Senhora Hildene Sento-Sé no dia 25 de novembro de 2007 às 17h; e Vera-Rita Lins de Albuquerque Sento-Sé, no dia 12 de junho de 2008 às 14horas e 36 minutos.

www.pmsentose.com.br: Consultado às 10h do dia 10 de Outubro de 2007.

www.sentoseonline.com.br: consultado às 9h do dia 9 de Setembro de 2007.